



LISBOA, 19 de Junho de 1914

FORÇANDO AS PORTAS . . .



«Para certos republicanos a republica tem sido um pé de cabra com que veem augmentando os seus haveres».

(Do discurso do sr. dr. João de Freitas, no Senado).

Tres aspectos... e um caminho

O caso Rhodam tem, a nosso vêr, tres aspectos: a pouca vergonha, em si, a maneira como quizeram encobrir a fraude, e o que derivou da discussão do caso.

Quanto ao primeiro, tudo se resume em poucas palavras. O sr. Antonio Maria da Silva, que já em 1907 trazia d'olho a concessão das aguas de Rhodam, vendo que não conseguia dos ministros crapulosos o apetecido arranjo, zanga-se com a Monarchia... por ser um *regimen de ladroeiros*, e organisa a carbonaria para implantar a *austera republica moralisadora*. Um dia chega a ministro, indo justamente gerir a pasta por onde continuava pendente o seu pedido de concessão. Até então as estações por onde o processo corria, haviam informado de maneira a contrariar as pretensões do sr. Antonio Maria da Silva; mas como este, de simples pretendente, tinha passado a ministro, o chefe da Alta Venda da Carbonaria, que tinha derrubado a Monarchia por ser um *covil de ladroes*, para implantar a republica que era a personificação dos *homens de bem*, faz pressão sobre os seus subordinados, ao abandonar a pasta, deixa o processo prompto a entrar no forno, dando n'essa altura a sua adhesão ao grupo democratico, ou seja, ao grupo politico que, entre outras, reivindicava para si a pasta do fomento d'onde estava pendente a apeteccida concessão.

Segue-se ao sr. Antonio Maria da Silva, n'aquelle ministerio, o desejado democratico, e tres mezes depois... *tim papo!* A concessão das aguas das Portas de Rhodam avaliada em **tres mil contos**, era entregue ao austero republicano—tão austero que abandonára a Monarchia por essa *lâdra*... lhe ter negado a concessão pedida em 1907—por... **tres contos de réis!**

Como vêem, tudo maravilhosamente planeado e extremamente simples! E aqui tem, em resumo, o primeiro aspecto, ou seja a pouca vergonha, em si.

Vamos agora ao segundo. O que fizeram os republicanos perante este *arranjo* que, no tempo do velho regimen teria sido justamente classificado, em grossas parangonas e estridentes comícios, de qualquer coisa como descaradissimo roubo ou safadissima burla? Fizeram o seguinte: o governo defendeu; o partido democratico applaudiu (pudéral!); o partido evolucionista abandonou o correligionario que tinha levantado a questão; os independentes callaram-se; e os unionistas desinteressaram-se. Em resumo: a maioria achou bem, uma duzia, coisa de pouca importancia e... tres ou quatro ficaram bracejando sósinhos, cobertos de insultos, resultando d'aqui, *sem protesto da opposição*, que o escandaloso conchavo em que o Estado é lezado em milhares de contos de réis, **ficasse abafado!**

Como classificar os homens que assim procedem? Como classificar o regimen que tem a defende-lo esses homens?

O publico que responda. E para terminar, vamos ao terceiro aspecto, ou seja, aquelle d'onde resulta a completa illucidiação sobre o *todo*—sobre este *todo* harmonico em que o tiro dá o braço á gazúa.

O caso Rhodam não é esporadico, porque faz parte da sequencia d'Ambaca, de S. Thomé, do opio e outros. Ora, não sendo unico, mas sim derivado como norma de moralidade e, demonstrando os factos que a maioria defende e os outros (aparte tres ou quatro excepções) acham bem, segue-se que todos estão d'accordo no *expediente*.

Já vimos o que a pouca vergonha representa, e tambem atraz fica provado como abafaram o escandalo. Resta-nos portanto, registar os derivados. D'elles destacaremos a mordaca na imprensa e os... *recuezos* (como dizem os hespanhoes) nos monarchicos e nos jornaes monarchicos. Aos primeiros chamou *escumalha* o sr. Affonso Costa das falcatruas de S. Tho-

mé, das binubas, do Banco da Covilhã e do escriptorio d'avogado nos ministerios da justiça e das finanças; aos segundos, classifcou de *pasquins*, o sr. Bernardino Machado... signatario da concessão do Rhodam. Com excepção do sr. dr. Jacintho Nunes (gota de crystal no meio d'um patano) ninguem protestou contra os insultos.

Isto é, todos elles estão d'accordo em que somos *escumalha* e *pasquins* e em que o caso Rhodam é uma... banalidade corrente!...

O que tudo devidamente, visto, ponderado e pezado, leva ás seguintes conclusões:

Quanto ao 1.º aspecto: Pouca vergonha maxima, com vergonha minima.

Quanto ao 2.º aspecto: Connivencia quasi geral no encobrimento da larapiação.

Quanto ao 3.º aspecto: Duas *parelhas* nos monarchicos por estes gritarem contra o *assalto*.

Ora, quando os factos levam a esta evidencia, só ha um caminho a seguir: é o do apito!

Politica Monarchica

Deu-nos a honra de transcrever este nosso artigo publicado no ultimo numero d'*O Thalassa*, o nosso querido collega *O Dia*, acompanhando-o de penhorantes referencias pessoasas que só á sua muita amizade podemos attribuir.

Referindo-se ao nosso alvitre para a organisação d'um corpo dirigente que unificasse a acção da politica monarchica, diz o brilhante diario:

«Deseja *O Thalassa* uma iniciativa n'este sentido por parte dos directores dos jornaes monarchicos. Não lhe faltará, quando a reclamar, a nossa.

«Mas ella deve ser precedida da certeza de que a essa iniciativa, que não é supplica seja a quem fór, mas chamada ás responsabilidades da vida politica, aos que não podem declinar as, corresponde um prompto assentimento dos que tem de tomar logares d' destaque n'essa organisação.

«Que a acção defensiva da causa monarchica precisa disciplinar-se a uma superior orientação não ha duvida. Ainda n'este ponto o nosso illustre collega *O Thalassa* a quem a causa monarchica deve relevantes serviços, tem para as suas judiciosas considerações, expostas com tanto brilho, todo o nosso applauso, e a promessa de que lealmente secundaremos todos os esforços n'esse sentido».

Estas palavras d'*O Dia*, que registamos com immensa satisfacção, porque o criterio do seu eminente director é incontestavelmente o d'um verdadeiro politico na mais elevada accepção do termo, não nos surprenderam, porque ha muito nos habituamos a vêr no sr. Moreira d'Almeida um dos raros cerebros privilegiados pela intelligencia, pela sensatez e pelo tacto, e a quem a Causa Monarchica no geral e El-Rei D. Manuel, mais devem, pela correcção, brilhantismo e alevantado criterio com que tem sabido conduzir os interesses da Patria e da Monarchia.

Não sabemos se o nosso alvitre, filho apenas da nossa dedicacção, será alguma vez traduzido em factos; mas mesmo que não passe d'um inutil desabafo litterario, uma consolacção nos resta: é o applauso que mereceu a *O Dia*. Isso nos basta para nos sentirmos bem com a nossa consciencia e até para olharmos com certo orgulho para o nosso modesto criterio politico.

TONTINHO...

O excellente cordeal, da paz, união e pacificacção, mandou apreghender os jornaes monarchicos e chamou-lhes *pasquins*.

Então, filho, nem todos podem defender Ambaca, opio, S. Thomé e Rhodam para... serem jornaes de bem!...

ALLI... Á PRETA!

O democratico presidente da camara alta (?) e antigo digno par do reino Anselmo Braamcamp, no dia em que offereceu o banquete ao chefe de estado para fazer crescer a agua na bocca aos operarios sem trabalho, á falta d'arceiros, guardou a escadaria da sua residencia com os continuos do Senado devidamente uniformizados com bicorne, espadim e tudo.

Anselmo Braamcamp, por mais chapéus de racha que use na rua, ha-de ser sempre o fidalgo investigador de genealogias e o meticuloso observador das praxes, protocolos e outros codigos da nobreza... pelo menos em casa.

Quadros da minha terra

(3.º QUADRO)
Sr. Esteves, o burocrata

III
(Conclusão)

De noite em sonhos, ou de dia na repartição; a passear, ou sentado; no seu quarto do Aterro, ou á esquina da rua Augusta, o sr. Esteves Barboza tinha sempre aquella ideia fixa, a ferver, em cachão no cerebro: ser promovido a 2.º official!

Havia 15 annos que não pensava n'outra coisa, primeiro como uma nebulosa mal definida, depois n'um ideal esboçado em horizonte longinquo, e por fim n'uma aspiração suprema obsecando-lhe todos os instinctos, absorvendo-lhe todos os momentos. O azar, porém, aquelle terrivel azar que o sr. Esteves Barboza sentia a perseguir-o desde o primeiro beijo lubrico na Joaquina do Outeiro, revelado pela garotada á malidencencia da villa, mais uma vez o torcia, preterindo-o nas promoções. Via subir os que nada faziam, galopando pela escada burocratica a cavallo no hamburrio; e elle, pendulo invariavel no ponto da entrada e da sahida, respeitador submisso e calligrapho esmerado, permanecia como um calhau no amanuensado com os intestinos revoltos pelas injustiças humanas. Então, protestava. Submisso, attento, disciplinado, dentro das leis e das regras, mas protestava em longos memoriaes de inexcediveis torneados graphicos. Supplicante aponta a injustiça «a S.ª Ex.ª o Ex.ª Sr. Ministro»; energico soluçava a preterição «esperando Justiça».

Cada queda de ministerio era uma esperança nova a inundar-lhe a alma.

—Pode ser que o novo Sr. ministro seja animado de espirito recto. E, como se os seus louvores podessem ter echo salutar nas altas regiões do poder onde se fabricavam os queijos d'ouro do 2.º officialato, o sr. Esteves Barboza, enaltecia nos cavacos caseiros e na roda intima da tabacaria, as virtudes e mais partes que lhe «constavam concorrerem na pessoa do novo Sr. Ministro».

Era este o primeiro memorial platonico, a que logo, passados quinze dias, se seguia outro em estrado almagão, innumerando os recursos judicias e as vagas preenchidas illegalmente —o que tudo pedia licença para lembrar com o mais elevado respeito e subida consideração».

Uma tarde, cheio d'energia, devido a uns pimentos que a D. Maria lhe tinha preparado ao almoço com recheio picante, o sr. Esteves Barboza, sentindo apimentados o ventre e a alma, resolveu ir pessoalmente «entezar-se com o Sr. Ministro».

—You lá e tem que ouvir! Esta agora passa das marcas.

A que «passava das marcas» era a promoção d'um collega com 6 mezes de serviço, dos quaes, tres em licença.

O sr. Esteves Barboza só uma vez na sua vida tinha fallado com um ministro, e essa mesma pelo telephone, na ausencia do restante pessoal da repartição. Tinha sido um momento de intensa commoção para o illustre burocrata. Petrificado deante do apparejo, apenas podera balbuciar uma desculpa vaga por se «apresentar perante S. Ex.ª com o casaco de linho».

D'esta vez, porém, estava resolvido a levar o frack e gravata nova, para expôr com minucia e severidade. Aguardou o sr. ministro; e o sr. ministro dignou-se recebê-lo.

O sr. Esteves Barboza inclinou-se. Por todos os poros um suor frio toliha-lhe os nervos e embargava-lhe a voz. Perfiltado como um galucho, correcto como uma esphinge, aguardou deante da secretaria ministerial o momento de expôr. Tinha estudado um discurso —meia duzia de palavras cimentadas na legalidade e na justiça que tinham merecido a approvação da D. Maria e do estanqueiro onde passava as tardes, mas que n'aquelle momento solemne, se haviam esvaído do cerebro febril. Restava-lhe ainda um recurso: os memoriaes. E começou lendo com voz tremula enquanto o sr. ministro chalacava com dois influentes intimos, sobre a M.ª Yvonne, do Colyseu.

As letras baralhavam-se no papel; as palavras sahiam-lhe truncadas dos labios frios.

—Deixe ficar, deixe ficar que eu hei-de vêr isso. E o sr. ministro, estendendo a mão, indicou que estava terminada a conversa.

Nova esperança renasceu no animo do sr. Esteves Barboza, porque —explicava elle— «o sr. ministro tinha-lhe dado um aperto de mão significativo». Mas, passados dois mezes, a vaga aberta recebia em seus carinhosos braços um heroe, escora das Instituições que, airoso e l-pido saltava sobre o seu costado, encourado em 25 annos de serviço, de perpetuo pretendente.



Teve febre e um callo agravado. E durante quinze dias em signal de sentimento abandonou a esquina da rua Augusta, onde, depois do jantar ia espaiar-se a vista sobre os côllos torneados do mulhero facil.

Pouco a pouco, porém, o animo voltou-lhe alentado pelos amigos com historias de casos identicos que por fim obtinham feliz resultado. Mas resolveu mudar de tactica. Fez-se intimo do continuo do sr. ministro, e todas as tardes, depois de o brindar com um charuto, entregava á sua influencia um memorial com a longa odyssea dos seus recursos e preterições que o funcionario menor fingia ler escabeçando enquanto durava o *Harano* de 30 réis.

E, sem alterar um apice na sua vida regular e methodica, o sr. Esteves Barboza—o antigo sr. Esteves de Jesus Barboza, que em homenagem á Separação havia supprimido o appellido catholico—continuou como um pendulo, sereno e respeitoso «participando para os devidos effeitos»—automato irreprehensivel de grossos e finos, sendo o primeiro a entrar na repartição e o ultimo a sair, limpando sempre a pena ao mesmo trapo preto, collocando todos os dias os punhos no mesmo logar, fixando os officios n'uma somnolencia do cerebro vazio, que só tinha logar para armazenar o folhetim d'O *Seculo* e as praxes burocraticas que não excedessem o formulario corriqueiro.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

A arvore genealogica do Bernardino é uma bananeira. Os seus antepassados, um macaco, e uma gafanhota. D'ahi aquelle espirito subtil de emitação que o tem feito passar por homem, e aquelle lepido saltitar por sobre todos os regimens e todas as convicções sem pousar em nenhuma.



Dizem que veio do Brazil: não está averiguado;—no Brazil respeita-se tudo quanto é respeitavel, e o Bernardino não respeita nada.

O atavismo manifesta-se n'elle d'uma forma original. Não mudou só as qualidades inconfundiveis dos seus supracitados avós: a qualidade que faz de Bernardino o objecto d'universal admiração que todos conhecemos, aquella que o torna incomparavel entre todos os estadistas havidos e por haver, supremo enlevo das creanças e das cigarreras, herdou-a da sua arvore ge. ealogica—a bananeira.



Por isso temos a gloria de possuir um banana no poder; em resultado do que, como é sabido, andamos todos abanados.



DIAGNÓSTICO

O mal da enferma é devido á super-alimentação. Foi uma questão de barriga de que provieram os tumores incuráveis na cára e no cérebro. Não é portanto necessario cortar a perna, mas sim a cabeça. E quanto antes, para evitar uma epidemia.



1.º—**Joaquim Guilherme Galhardo**—Tenente coronel de infantaria. Tendo sido intimado a depor como testemunha n um processo politico, foi, em 23 de setembro de 1913, preso por denuncia de um taberneiro como implicado no *complot* das bombas de pedra da Serra de Monsanto. Deu entrada no Castello de S. Jorge, d onde sahiu em virtude do chamado decreto de amnistia em fevereiro de 1914.

2.º—**Padre Antonio José de Carvalho**.—Da freguezia de Serzedo, concelho de Guimarães. Preso em 26 de julho de 1912 por suspeitas de connivencia no chamado *complot* de Guimarães. Esteve incommunicavel durante 55 dias. Condenado em 18 mezes de prisão correccional e 50 dias de multa a 100 réis. Defensor, dr. Vicente Ferreira d'Andrade.

3.º—**Padre Manuel Lyrio**.—Incansavel defensor da Causa Monarchica e jornalista de invulgares aptidões etchnicas.

Fundou em Ovar os seminarios, *Regenerador Liberal, Revista d'Ovar, Semana d'Ovar, Seminario d'Ovar e Libertad*, que foram successivamente apprehendidos e suspensos por nefastos, com intervallos apenas de uma semana para cada um. Preso duas vezes, a 1.ª em agosto de 1911 com 8 dias de incommunicabilidade e 12 de detenção; a 2.ª em outubro do mesmo anno, com 12 dias de incommunicabilidade e 75 de detenção. Posto em liberdade, sempre sem culpa formada e depois de ter percorridotodas as prisões de Aveiro

4.º—**José Pacheco Moniz**.—1.º cabo reformado da guarda municipal de Lisboa, condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar. Preso em agosto de 1911; esteve 26 dias incommunicavel. Julgado pelo tribunal marcial de Lisboa em fevereiro de 1913, foi condemnado em 3 annos de prisão maior cellular.



Na 3.ª vara civil foi apresentada queixa devidamente testemunhada, accusando Alfonso Costa de ter simulado um contracto de compra e venda de um predio com que foi brindado, com o fim manifesto de ser aliviado na respectiva contribuição de registro com prejuizo para o Estado.

Contra o mesmo Costa ja corria seus termos no 2.º juizo de investigação criminal — e por tal signal, bem devagarsinho — um processo crime por excesso de poder, concussão e peita ou suborno.

Este Costa é o celebre chefe do Partido Republicano Portuguez — com letras grandes, como elles usam — e o popular autor da *Intangível de espoliação da Igreja* e do *Codigo da espoliação predial*, e tem occupado no regimen *luminoso* os elevados cargos de ministro da justiça do governo proclamado na gloriosa manhã de 5 d'outubro, a sombra do Frontão pelo povo libertado, e o do ministro das finanças e presidente do ministerio esborrachado pelo povo soberano na festejada noite de 26 de janeiro sobre as ondas do *Mar Negro*.

Veio agora ao de cima a apetitosa queijada que o *Alfayatinho do Redondo* se preparou com as quedas d'agua das Portas do Rhodam enquanto teve na mão a faca, o queijo e tudo.

— Ai Bestabão, Bestabão! De que raça eram os laes da Monarchia!

Cabreira, bailarino das finanças, foi ha dias procurado no seu ministerio pi la direcção da *Liga das Veludadas*.

Parece que as interessantes Micas estão empenhadas em que no *Club dos Palos* não seja o tango suplantado pela furlana, e para tal, sollicitam a valiosa interferencia do *saleroso* ministro, figura preponderante n'aquelle aristocratico club arte-nova.

Os *libarões* de Coimbra rejubilam com o encerramento da egreja de S. João de Almedina, *foco de desordens*.

Em Coimbra o socego, a tranquillidade e a paz de espirito encontram-se no *rendes-nous* da fina flor da alta sociedade cor-deal democratica, o Café do Piolho.

Não levou tempo a desvendar a razão porque Freire d'Andrade, antigo ajudante de campo de S. S. M. M. D. Carlos I e D. Manuel II se resignou a accipitar a pasta verde-rubra que ora sobraça.

O muito amor á sua arte de engenheiro impelliu o a levar a sua cooperação ao seu collega e correligionario *Alfayatinho do Redondo* para a execução das maravilhosas obras das Portas do Rhodam.

O general André, n'uma visita que fez ao Collegio Militar, notou que um official tinha o cabelo um pouco crescido.

E agora venham cá dizer-nos que *de res minima non curat pretor*.

Estão fazendo furor nos centros militares e theatraes os abundantes e luzidios bandos do humoristico tenente de revisteiros, o applaudido ajudante de campo e praias do general André.

Os figueirenses, a acreditar no correspondente do *Noticias*, estão envaidecidos por Freire d'Andrade ter brotado na Figueira da Foz.

Pois é verdade! Freire d'Andrade é da Figueira, Teixeira de Sousa nasceu em Aljô e Ferreira do Amaral abriu os olhos ali p'ros Paulistas.

Um bocadinho de humorismo... a serio: Nestes quatro annos de administração honesta, com *superavit e tudo*:

A divida fluctuante augmentou 20:127 contos;
A divida consolidada augmentou 31:670 contos nominaes;
A circulação fiduciaria augmentou 8:000 contos;
O valor dos bens da Igreja *revertidos* para o Estado não deverá andar longe de 20:000 contos;

A media da contribuição predial nos tres ultimos annos da monarchia foi de 3:194 contos; a mesma contribuição pelo ultimo orçamento republicano foi de 6:340 contos;

A despeza geral do Estado a data da queda da *ominosa* era de 74:140 contos; no orçamento para 1914-15, não havendo que pagar lista civil, está calculada em 78.070 contos;

Os *tubarões* continuam a cevar-se, na sua voracidade insaciavel; e

Os operarios são despedidos das obras publicas... por falta de verbal...

Homenagem a Moreira d'Almeida

Recebemos a seguinte carta:

Ex.ª Commissoa organisadora da homenagem ao director d'O Dia.

Devido á grave doenca de meu pae, não reparei no encerramento da subscrição obreira n'O Thalassa para a acquisição d'um linteiro d'homenagem ao eminente director d'O Dia, o meu illustre amigo sr. Moreira d'Almeida; e como muito nos custaria deixar de contribuir para essa justa prova de estima ao brilhante jornalista, peço a V.ª Ex.ª para permittirem a inclusão da quantia de 15\$000 réis, em nome de meu pae dr. Luiz Reis Torgal, no de meu tio Joaquim, e no meu.

Esperando que pelos motivos expostos se dignem abrir esta excepção, rogo me creiam com a maior consideração e estima

De V.ª Ex.ª

M.º Att.º Am.º M.º Obr.º

Alvaro Reis Torgal.

Em vista dos motivos expostos, a commissoa tem o maior prazer em acceder aos desejos do illustre advogado e nosso prezado amigo sr. dr. Alvaro Reis Torgal, embora, para todos os effeitos, a subscrição continue encerrada.

Total recebido.	1:610\$770
Quantia a que se refere a carta acima publicada.	15\$000
Total geral réis.	1:625\$770

DISCORDAMOS

O general André não quer rapadinhos na tropa.

Pois é pena, porque alguns há, como o Brun das comedias e o Celestino dos canos de esgoto que, se os obrigam a bigode, perdem a graça toda.

RAINHA AUGUSTA VICTORIA

Continua á venda na administração d'O Thalassa, rua da Rosa 162 1.º, o retrato de Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria, trajando á moda do Minho.

A edição do retrato de Sua Magestade é propriedade exclusiva d'O Thalassa em Portugal e no Brazil, e fizemol-a em cartão *couché*, de modo a poder constituir uma valiosa recordação da Augusta Soberana.

Não obstante o elevado custo do trabalho, vendemos cada photographia por 60 réis, preço este que só a grande tiragem que fizemos, e o intuito de propaganda, justificam.

Satisfazem-se na volta do correio todos os pedidos, que podem desde já ser feitos á Administração d'O Thalassa, rua da Rosa, 162, 1.º D. — Para a provincia acresce o porte do correio.

Usem a Agua do Monção da Povoia

No tratamento das doenças de pelle.

Theatros

APOLLO—*D'alto a baixo*, a magnifica revista de André Brun e Chagas Roquete, tem numeros de exito extraordinario. Nascimento Fernandes, sempre o inegalavel comico, que faz rir o publico a bandeiras despregadas.

Guarda-roupa e scenario são lindissimos, especializando as apothoeses de grande effeito, devido aos pinceis de Augusto Pina e Luiz Salvador. Todas as noites duas sessões.

RUA DOS CONDES—Ainda esta semana sobe á scena a revista *A'lerta Junior*, peça que esta recheada de ditos de espirito e que deve cair no agrado do publico.

COLYSEU DOS RECREIOS—Sempre encantadores os espectaculos n'este elegante circo, onde todas as noites o publico corre a applaudir a surprehendente companhia de opereta italiana Scognamiglio-Caramba, uma das mais colossaes de todo o universo.

No repertorio figuram as peças mais conhecidas do theatro moderno, além d'outras completamente novas para Lisboa, mas que veem precedidas de grande fama na imprensa estrangeira.

As enchenches succedem-se pois não ha memoria de nos ter visitado companhia tão completa e de tão destumbrante apresentação.

Animatographos

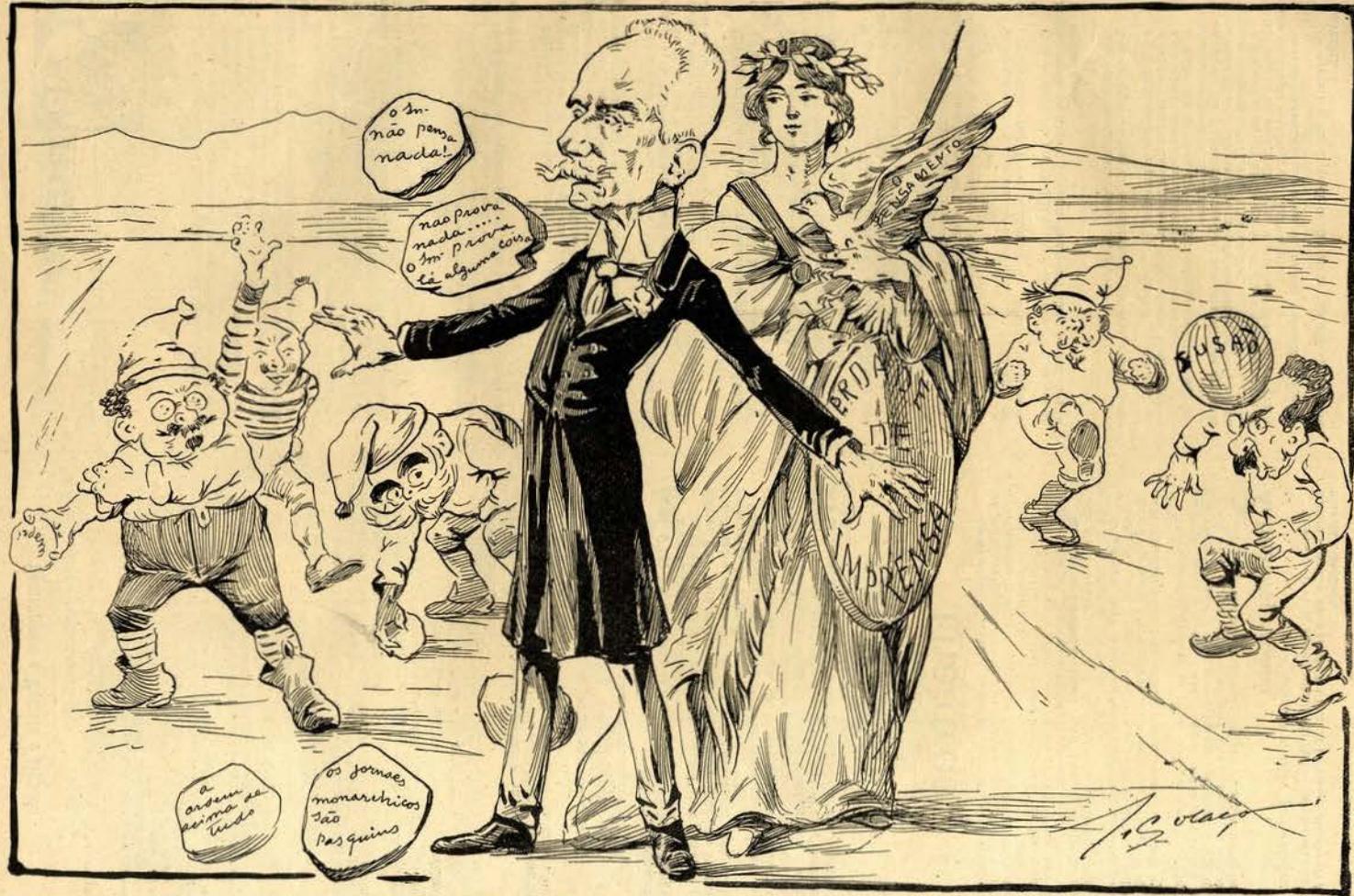
Os melhores e melhor frequentados:

Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso. — **Olympia**: Rua dos Condes. — **Salão da Trindade**: Rua da Trindade. — **Central**: Avenida da Liberdade.

CASOS DA RUA

19 DE JUNHO

O THALASSA



Na tarde de 12 do corrente foram apedrejados na Rua do Parlamento, pela garotada que anda à solta, dois touristes estrangeiros Mr. Pundonor e M.^o Liberdade, notando-se a completa ausencia da policia. Pedimos providencias.